



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

MARIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**ALUNOS AUTISTAS: compreendendo perfil, características e o
papel docente quanto a desenvolvimento da aprendizagem
potencialidades**

Itaituba - PA

2021

MARIA DA CONCEIÇÃO DOS SANTOS

**ALUNOS AUTISTAS: compreendendo perfil, características e o
papel docente quanto a desenvolvimento da aprendizagem
potencialidades**

Monografia de Graduação apresentada à
Faculdade de Itaituba (FAI), como requisito para
obtenção do título em Licenciatura Plena em Letras.
Orientadora: Prof.^a Mestra Mara Aparecida Pereira
do Nascimento.

Itaituba - PA

2021

SANTOS, Maria da Conceição.

Alunos autistas: compreendendo perfil, características e o papel docente quanto a desenvolvimento da aprendizagem e suas potencialidades. Itaituba: FAI, 2021.

50f.

Prof.^a Mestra Mara Aparecida Pereira do Nascimento.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, FAI. Itaituba, BR - PA, 2021.

1. Alunos autistas: compreendendo perfil, características e o papel docente quanto a desenvolvimento da aprendizagem e suas potencialidades. I. SANTOS, Maria da Conceição. Faculdade de Itaituba, FAI. Itaituba, BR – PA, 2021.

MARIA DA CONCEIÇÃO SANTOS

**ALUNOS AUTISTAS: compreendendo perfil, características e o
papel docente quanto a desenvolvimento da aprendizagem
potencialidades**

Monografia de Graduação apresentada à
Faculdade de Itaituba (FAI), como requisito para
obtenção do título em Licenciatura Plena em
Letras.

Orientadora: Prof.^a Mestra Mara Aparecida Pereira
do Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Presidenta/orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Ma.

Avaliadora 1 _____ Nota: _____

Prof.^a Veronica Gomes Moreno, Esp.

Avaliadora 2: _____ Nota: _____

Prof.^a. Walbea Lucia Lobato, Esp.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba-PA, 13 de agosto de 2021.

Dedico este TCC a todas as crianças autistas, em especial, ao meu sobrinho Renner Kaique, que foi minha grande inspiração para a realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo a Deus, minha maior fortaleza e meu alicerce, que me mantém de pé todos os dias para que eu possa ter forças para realizar todos os meus projetos de vida.

Agradeço a todos que contribuíram para a realização desse sonho, especialmente a meus irmãos, **Magno Siqueira**, **José Amsterdam** e **Marklinio Siqueira** que sempre me apoiaram e incentivaram para que eu permanecesse firme nos meus propósitos.

À minha inesquecível irmã **Ana Cristina** (*in memorian*) por estar comigo em todos os momentos da minha vida, zelando por mim, mesmo no plano espiritual, sinto-a comigo todos os instantes, como sempre foi em vida.

A todos os docentes da Faculdade de Itaituba, em especial à Professora **Lúcia Maria** e Professora **Railane Esmeralda** por nunca me deixarem desistir apesar de tantos obstáculos ao longo da caminhada.

À minha orientadora Professora **Mara Nascimento**, pela dedicação e profissionalismo com que conduziu a orientação desse trabalho;

Às minhas cunhadas **Rosicélia Rodrigues** e **Luana Campos**, pelos incentivos e companheirismo ao longo dessa caminhada acadêmica.

“Do lado de fora, olhando para dentro, você nunca poderá entendê-lo. Do lado de dentro, olhando para fora, você jamais conseguirá explicá-lo. Isso é autismo”. (Autism Topics)

RESUMO

Vivemos em um momento de inclusão na escola, recebendo alunos com diversas necessidades educacionais especiais. Para dar conta desta demanda, o professor precisa buscar capacitação e formação continuada. Os alunos autistas são extremamente inteligentes e perspicazes, no entanto, representam desafios para desenvolver suas potencialidades. Portanto, os objetivos deste estudo são: compreender o papel docente para o desenvolvimento da sua aprendizagem e de suas potencialidades. Obter conhecimentos gerais sobre o autismo, conhecer o perfil e as características do aluno em sala de aula para traçar métodos e estratégias de ensino. A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de objetivo exploratório e descritivo. Para análise dos dados a abordagem é qualitativa. O procedimento técnico compreende pesquisa bibliográfica, consultando-se Orrú (2012), Cunha (2015), Silva (2012), Ferreira (2009), Prestes (2012), Almeida (2019), entre outros. Verificou-se, por meio do levantamento de literatura, que o comportamento do aluno com autismo é considerado, por muitas pessoas, como bizarro e, partindo dessa visão estas crianças sofrem não apenas com as limitações que a sua condição lhe impõe, como também, com o preconceito. É necessário, portanto, que seja lançado olhar para a necessidade de conhecimento docente para que cada vez mais sejam minimizadas as dificuldades dos autistas quando se trata do processo de ensino aprendizagem. Nesse sentido, para o trabalho em sala de aula com alunos autistas, em qualquer fase das modalidades de ensino da Educação básica, se faz necessário conhecer seu universo, seu perfil e suas características, para que o processo de aprendizagem se concretize, mesmo que ocorra de forma lenta e gradativa, como é comum das pessoas autistas.

Palavras-chave: Aluno. Autista. Perfil. Conhecimento. Docente.

ABSTRACT

We live in a time of inclusion in the school, receiving students with different special educational needs. To meet this demand, the teacher needs to seek training and continuing education. Autistic students are extremely intelligent and perceptive, however, they pose challenges to develop their potential. Therefore, the objectives of this study are: to understand the teaching role for the development of their learning and their potential. Get general knowledge about autism, know the profile and characteristics of the student in the classroom to outline teaching methods and strategies. The methodology used is a research of a basic nature, with an exploratory and descriptive objective. For data analysis, the approach is qualitative. The technical procedure comprises bibliographical research, consulting Orrú (2012), Cunha (2015), Silva (2012), Ferreira (2009), Prestes (2012), Almeida (2019), among others. It was found, through the literature survey, that the behavior of students with autism is considered, by many people, as bizarre and, based on this view, these children suffer not only from the limitations that their condition imposes on them, but also, with prejudice. Therefore, it is necessary to look at the need for teaching knowledge so that the difficulties of autistic individuals are increasingly minimized when it comes to the teaching-learning process. In this sense, to work in the classroom with autistic students, at any stage of the teaching modalities of Basic Education, it is necessary to know its universe, its profile and its characteristics, so that the learning process can materialize, even if it occurs slowly and gradually, as is common for autistic people.

Keywords: Student. Autistic. Profile. Knowledge. Teacher.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE O AUTISMO	11
2.2 O PERFIL DA CRIANÇA AUTISTA	14
2.3 O ALUNO AUTISTA NA SALA DE AULA	17
2.4 DESAFIOS DO PROFESSOR COM O ALUNO AUTISTA	24
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	28
3.1 A PESQUISA QUANTO À NATUREZA E AOS OBJETIVOS	28
3.2 O PROCEDIMENTO TÉCNICO DA PESQUISA	28
3.3 A COLETA DE DADOS	29
3.4 ABORDAGENS PARA ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1 COMO TRATAR O ALUNO AUTISTA EM SALA DE AULA	31
4.2 CAMINHOS PARA O PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM	34
4.3 SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA ALUNO AUTISTA DO 6º ANO	35
4.3.1 Organizações da Área física	37
4.3.2 Programação das Atividades	39
4.3.3 Método de Ensino	42
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

Os objetivos deste estudo são: compreender o papel docente para o desenvolvimento da sua aprendizagem e de suas potencialidades. Obter conhecimentos gerais sobre o autismo, conhecer o perfil e as características do aluno em sala de aula para traçar métodos e estratégias de ensino.

A educação escolar de uma criança autista representa um desafio para os profissionais da educação. São crianças que têm características que devem ser atentas aos olhares dos professores para o atendimento adequado e necessário em sua vida educacional. Portanto, o tema é de grande relevância para uma Licenciatura Plena em Letras, pois a educação inclusiva precisa prepara-se para o atendimento adequado a todos os alunos, conforme suas necessidades educativas especiais.

A pessoa com autismo apresenta dificuldades de socialização que está interligada com limitação que esta tem em se comunicar com outras pessoas, até mesmo com as pessoas mais próximas a ela. Assim, poderão ser apresentadas também diferenças de desenvolvimento, na qual algumas delas não apresentam uma comunicação falada e outras já apresentam esse tipo de comunicação que em alguns momentos podem aparecer de forma estereotipada, que seria a repetição de frases ou palavras que ela escutou em algum momento.

Além dessa dificuldade na comunicação, por muitas vezes, o comportamento da pessoa com autismo é considerado, por muitas pessoas, como bizarro e estas crianças sofrem não apenas com as limitações que a sua condição lhe impõe como também, sofrem com o preconceito. Dessa forma, não é simples a inclusão destas em sala de aula, pois, assim como enfrentam dificuldade para realizar atividades que são consideradas simples no dia a dia, enfrentam grandes dificuldades no processo de ensino/aprendizagem.

A partir da problemática apresentada, é necessário lançar um olhar para a necessidade de conhecimento por parte do docente quanto ao perfil e características de um aluno autista, para minimizar as dificuldades dos alunos autistas em sala de aula, de forma a auxiliar no desenvolvimento de sua aprendizagem e no despertar de suas potencialidades. As questões que nortearam a pesquisa são: Qual a definição, características e perfil do autismo? Como tratar o aluno autista em sala de aula? Como auxiliar em suas dificuldades de aprendizagem?

A metodologia utilizada trata-se de uma pesquisa de natureza básica, de objetivo exploratório e descritivo. Para análise dos dados a abordagem é qualitativa. Procedimento técnico compreende pesquisa bibliográfica, consultando-se Orrú (2012), Cunha (2015), Silva (2012), Ferreira (2009), Prestes (2012), Almeida (2019), entre outros.

A estrutura dessa pesquisa configura-se da seguinte forma: após as considerações iniciais (introdução), são realizadas as abordagens teóricas, a saber: definição, perfil e características do autista, sua dinâmica na sala de aula, como também desafio enfrentado professor. Na sequência a metodologia é detalhada. No momento dos resultados e discussões inerente ao tema, abordou-se como tratar o aluno autista em sala de aula, os possíveis caminhos para o seu processo de ensino/aprendizagem e considerações metodológicas para aluno autista do 6º ano: Finaliza-se com a conclusão do estudo e com a apresentação das referências utilizadas para sua elaboração. .

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS SOBRE O AUTISMO

O transtorno autista faz parte de um grupo de transtornos do neuro desenvolvimento denominados como Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID) ou Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). Mais especificamente, O CID-10, sob o código F84, classifica o autismo não mais como um transtorno global, mas como um transtorno invasivo do desenvolvimento (ROTTA, 2007).

Esse grupo de transtornos é caracterizado por anormalidades qualitativas em interações sociais recíprocas e em padrões de comunicação e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Essas anormalidades qualitativas são um aspecto invasivo do funcionamento do indivíduo em todas as situações, embora possam variar em grau. “Na maioria dos casos, o desenvolvimento é anormal desde a infância e, com apenas poucas exceções, as condições se manifestam nos primeiros cinco anos de vida (OMS, 1993, p. 246)”.

O CID-10 trazia consigo vários diagnósticos dentro dos transtornos Globais do desenvolvimento (TGD), incluindo o autismo, descrevendo assim as principais características do autista, mas atualmente, o transtorno do espectro autista consta na classificação do CID-11, essa mudança foi feita pela OMS, organização mundial da saúde (OMS, 1993, p. 247).

O autismo trata-se de um transtorno neurológico caracterizado por algumas alterações presentes desde uma idade bastante precoce. Foi descrito pela primeira vez em 1943 pelo médico austríaco Dr. Leo Kanner e posteriormente em 1944, por Hans Asperger (ORRÚ, 2012).

Informa o autor supracitado que (p. 19) que o psiquiatra austríaco, Leo Kanner, médico do departamento de Psiquiatria Infantil do Hospital Johns Hopkins, com base em seus estudos, publicou por volta de 1943, o artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo. Os traços apresentados pelo grupo de crianças observado por Kanner são:

- Incapacidade para estabelecer relações com as pessoas;
- Um vasto conjunto de atrasos e alterações na aquisição e no uso da linguagem;

- Obsessão em manter o ambiente intacto;
- Tendência a repetir uma sequência limitada de atividades ritualizadas.

O estudo citado descreveu os comportamentos de uma criança autista, sobre o isolamento social, as dificuldades de se relacionar com outras pessoas e que as mesmas seguem um padrão estabelecido, ou seja, uma rotina a ser seguida e as dificuldades encontradas caso essa rotina venha a ser mudada.

Segundo Cunha (2012), o termo 'autismo' deriva do grego 'autos', que significa 'por si mesmo' e, 'ismo', condição, tendência". Dessa forma, as crianças observadas pelo psiquiatra austríaco demonstraram um tipo de isolamento, que parecia que as mesmas estavam presas dentro de si. Por muitos anos acreditou-se que as crianças as quais possuíam autismo eram aquelas que vinham de lares com problemas afetivos, pois ainda não era possível encontrar fatores biológicos que incidissem em testes médicos existentes na época.

Os estudos publicados por Kanner foram realizados a partir de observações às crianças que não se encaixavam em nenhuma das classificações que existiam na psiquiatria infantil. Em seus artigos, Kanner, não especifica a causa do autismo como uma posição psicodinâmica, mas chegou a cogitar essa hipótese, uma vez que as crianças que foram observadas no seu estudo evitavam certos contatos afetivos e não possuíam algumas reações sem estímulos (CUNHA, 2012).

A partir dos estudos de Kanner outros pesquisadores começaram a criar novas teorias sobre o que seria especificamente essa síndrome, observando pessoas que possuíam autismo e formulando novos conceitos. Um desses pesquisadores foi o médico Hans Asperger, que um ano depois do trabalho publicado por Kanner, em 1944 divulgou sua pesquisa intitulada "Psicopatologia autística na infância" (CUNHA, 2012).

Asperger não atribui o autismo como de natureza psicodinâmica, e sim como um fator biológico, totalmente genético. Apesar disso, seus estudos permaneceram desconhecidos, até ser descoberto por Lorna Wing que comparou as pesquisas que ele havia feito com crianças que apresentavam a síndrome, com os estudos que estavam sendo feitos nos Estados Unidos e Inglaterra (CUNHA, 2012).

Esta nova perspectiva sobre o autismo aponta para fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências, cujo estudo tem demonstrado que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. "Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem

que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema” (SILVA, 2012, p. 41).

A pessoa com TEA prefere o isolamento social, evitando contato direto com outros, então ele está sempre buscando formas de evitar que haja quaisquer interações com outras pessoas, principalmente aqueles que não fazem parte do convívio diário do autista.

É de senso comum a constatação de que o autista tem dificuldade de adaptação, pois ele não está acostumado a sair de sua zona de conforto, toda vez que isso acontecer, vai ter a rejeição deles, mas se houver certa insistência, com o tempo ele pode tornar-se mais sociável aos lugares e as pessoas, e assim enfrentar aos poucos as barreiras que ele encontra diariamente para se adaptar ao convívio social.

Os autistas são mal compreendidos pela sociedade, devido à falta de conhecimento que as pessoas possuem sobre o assunto, porque atualmente, a sociedade não quer inteirar-se acerca do tema, criando uma visão totalmente diferente do que realmente acontece, isso ocorre devido à falta de informação sobre o autismo.

Nesse sentido, comenta Orrú que quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças “que se debatem contra a parede, tem movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo, e chegam até dizer que são perigosos e precisam ser trancados em uma instituição para deficientes mentais”. Portanto, compreende-se que são falas que revelam desinformação a respeito dessa síndrome.

A falta de informação tem como ponto crucial a falta de interesse sobre o assunto, levando as pessoas leigas a pensar o que não devem, expressando esses pensamentos de forma errônea, causando constrangimentos para os familiares das pessoas autistas, e até mesmo para aqueles que estão como espectadores.

Quando os primeiros casos de pessoas que possuíam o transtorno do espectro autista surgiram, as informações eram escassas, não tinha uma causa específica, ou um fator que apontasse como surgiu essa síndrome, pois a falta de informação sobre o assunto era grande, mas atualmente, o tema já é conhecido por muitos estudiosos das diversas áreas que abrangem esse assunto.

Assim, pode-se dizer que o conhecimento acerca do autismo evoluiu com o passar dos anos, desde que foi descrito por Kanner, em 1943, pois durante esse período diversos estudiosos puderam aprofundar seus estudos e, Orrú (2012, p. 21)

descreve o autismo atualmente como: “uma síndrome comportamental com etiologias múltiplas e curso de um distúrbio de desenvolvimento [...], é uma disfunção orgânica e não um problema dos pais [...] e é de origem biológica”. Na sequência, para Asperger a causa do autismo é de fator genético e não psicodinâmico, que se originou a partir de algum problema no DNA dos pais, e que de alguma forma, foi repassado para a criança hereditariamente.

Em dezembro de 2007, a Organização das Nações Unidas, decretou o dia 2 de abril como Dia Mundial da Conscientização do Autismo, tendo a celebração dessa data no ano seguinte, em 2008, marcando assim o começo de uma jornada que já tinha sido iniciada com as primeiras descobertas de Kanner em 1943.

2.2 O PERFIL DA CRIANÇA AUTISTA

Cada criança que possui o transtorno do espectro autista apresenta um perfil próprio, pois apesar das características que irão identificar se a pessoa possui essa síndrome, eles têm sua própria particularidade, pois cada autista é único, com sua própria maneira de agir, e com suas preferências.

O déficit de comunicação, interação social e comportamental são os mais presentes no perfil do autista e, varia em grau de acordo com cada indivíduo. Cunha (2015, p. 22) ressalta que se pode compreender que “o uso atual da nomenclatura Transtorno do Espectro Autista possibilita a abrangência de distintos níveis do transtorno, classificando-os de leve, moderado e severo”.

Esses níveis variam de acordo com cada pessoa, pois como é frisado por diferentes autores, não existe um autista igual, às vezes eles diferem-se uns dos outros por pequenas ações ou comportamentos e essa classificação vai depender do diagnóstico que vai ser entregue a família quando for descoberto sobre o autismo.

Corrobora Silva (2012) que pessoas com autismo apresentam muitas dificuldades na socialização, com variados níveis de gravidade. Existem crianças com problemas mais severos, que praticamente se isolam em um mundo impenetrável; outras não conseguem se socializar com ninguém; e aquelas que apresentam dificuldades muito sutis, quase imperceptíveis para a maioria das pessoas, inclusive para alguns profissionais. Estas últimas apresentam apenas traços do autismo, porém não fecham diagnóstico.

Dessa forma, o autor ressalta o que é mais frisado a respeito do TEA, que o isolamento social está associado diretamente ao perfil do autista, pois essa é a característica mais comum apresentada por eles, à dificuldade de socialização, pois não é fácil sair do transe que é a mente deles para interagir com outras pessoas, e para isso acontecer deve ser feita toda uma preparação.

Não adianta pegar um autista e colocar ele num lugar diferente e rodeado de indivíduos desconhecidos, pois a primeira coisa feita por eles é isolar-se na sua mente, tentar fugir da realidade que ele foi colocado, porque para inserir esse autista deve-se primeiramente, leva-lo a conhecer lugares que sejam mais calmos, para eles irem se acostumando com locais diferentes dos quais o mesmo está familiarizado.

Após esse reconhecimento dos lugares, tentar aos poucos inserir esse autista na sociedade, para que ele possa interagir, mesmo que da sua maneira com outras pessoas, tendo em mente, que o mesmo não vai assim que chegar a um local diferente sair para brincar com outras crianças, por exemplo, ele vai conhecer primeiramente o local e familiarizar-se.

Ainda de acordo com Silva (2012), o autista não consegue unificar o mundo percebido como um todo, mas sim o mundo em pedaços. A partir dessa percepção desse mundo fragmentado que o autor cita, compreende-se a necessidade da uniformidade e rotina apresentadas por eles, juntamente com a necessidade de manter interesses restritos, limitados e comportamentos repetitivos.

Esses movimentos repetitivos são comuns no perfil das pessoas com TEA, mesmo sendo ações involuntárias relacionadas tanto a partes do corpo, como também ela pode se estender a objetos na qual a atenção do indivíduo autista esteja repousada durante a manifestação do comportamento.

Silva (2012, p. 39) explica que os comportamentos motores estereotipados e repetitivos, como pular balançar o corpo e/ou as mãos, bater palmas, agitar ou torcer os dedos e fazer caretas, são sempre realizados da mesma maneira e alguns pais até relatam que observam algumas manias na criança que desenvolve tais comportamentos. “[...] os comportamentos destrutivos cognitivos, tais como compulsões, rituais e rotinas, insistência, mesmice e interesses circunscritos que são caracterizados por uma aderência rígida a alguma regra ou necessidade de ter as coisas somente por tê-las”.

Esse comportamento estereotipado citado pelo autor faz parte do dia-a-dia do autista, devendo ser respeitado para que não prejudique o mesmo e assim o seu

desenvolvimento ocorra da forma mais amena possível, respeitando sempre os limites impostos pela pessoa com TEA, para que não aconteçam alterações abruptas no cotidiano deles.

É comum que essa observação do comportamento das crianças seja feita pelos familiares mais próximos, aqueles que acompanhem a rotina do indivíduo com transtorno do espectro autista, porque geralmente esse primeiro contato é realizado pelos pais, pois são eles que conseguem distinguir algum comportamento diferenciado de seus filhos, seja por movimentos repetitivos, ou um padrão estabelecido.

Os indivíduos com transtorno do espectro autista são mais agitados e os movimentos repetitivos são característicos do perfil deles e não tem como mudar isso. Eles gostam de seguir a rotina de manter os movimentos estereotipados típicos e tentar mudar isso pode afeta-los, pois, o autista não é receptivo a mudanças.

Conforme Cunha (2012, p. 28) a inteligência não depende somente do que foi herdado, mas soma-se ao indivíduo o que ele adquire nas suas relações com o mundo exterior. A informação torna-se conhecimento e o mundo exterior é estimulador para o aprendizado. Por intermédio das relações exteriores, a criança aprende os nomes dos objetos, podendo utilizá-los de forma funcional ou simbolizar brincadeiras.

Entretanto, no autismo, sua interação social é prejudicada, esses conhecimentos não são descortinados, os objetos passam a ter função apenas sensorial, com pouca contribuição cognitiva; pois essa criança tem dificuldade para simbolizar, nomear e, por conseguinte, passa a ter prejuízos na linguagem.

Dessa forma, como citado pelo autor, as informações que são passadas pelo mundo exterior ajudam no desenvolvimento das crianças, faz com que as mesmas conheçam os objetos e saibam o significado deles a partir da imagem que é mostrada, mas com o autista isso já acontece de forma diferente, pois o aprendizado deles é diferenciado.

Não basta apenas a pessoa com transtorno do espectro autista conhecer algum objeto, por exemplo, porque isso não irá significar nada para o mesmo. O ideal seria encontrar formas de transmitir o significado daquele objeto específico, pois, o perfil de um autista difere-se do de alguém que não possui o TEA.

Também se deve levar em conta que o conhecimento de uma pessoa com transtorno do espectro autista vai ocorrer de maneira diferente de uma criança que não tem nenhuma dificuldade no seu desenvolvimento, pois o mesmo se dará de

forma lenta, e diversas dificuldades serão encontradas durante esse processo diariamente.

Reforçando o argumento apresentado podemos dizer que, partindo de Ferreira (2009, p. 15) no autismo, “nem todos são iguais e nem todos têm as mesmas características. Uns podem ser mais atentos, uns mais intelectuais e outros mais sociáveis, e assim por diante”. A partir disso o que mais difere o perfil de uma pessoa com transtorno do espectro autista, são as particularidades apresentadas por cada pessoa, e através disso trabalhar essas diferenças para que elas possam ajudar no desenvolvimento intelectual desses indivíduos.

2.3 O ALUNO AUTISTA NA SALA DE AULA

Ao falar acerca da inclusão da criança com transtorno de aspecto autista (TEA) na escola, deve-se ressaltar algumas das principais características apresentadas por pessoas diagnosticadas com essa síndrome, uma vez que eles apresentam dificuldades em vários graus, seja na comunicação, ou na relação interpessoal com outras pessoas, sendo que a pessoa com TEA, não necessariamente apresentará esses aspectos com a mesma intensidade.

Assim, conforme já mencionado neste estudo, as características mais marcantes apresentadas por crianças autistas é o déficit de comunicação e linguagem, pois os mesmos possuem dificuldade de se comunicar e o seu desenvolvimento é mais tardio que o de outras crianças que não possuem essa síndrome.

Outra característica que está relacionada às pessoas autistas é a dificuldade de conviver em sociedade, pois eles são mais retraídos, gostam de estar em locais já familiarizados por eles. Dessa forma, pode-se dizer que não apenas os autistas em situação de maior comprometimento apresentam problemas em sua comunicação, esta parece ser uma característica presente nas crianças e jovens com esse diagnóstico em todos os níveis (ORRÚ, 2012, p. 39).

Como já citado anteriormente, a dificuldade de se relacionar é uma característica que acompanha o autista, não importando o grau que eles possuam no seu diagnóstico, seja severo, moderado ou leve, pois simplesmente é uma particularidade deles. A partir disso, compreende-se que conforme Passerino (2012 p. 227) ressalta “esse déficit na simbolização, afeta a comunicação, pois há necessidade

de um uso ativo de símbolos para representação, especialmente quando se trata de situações que envolvem elementos mais abstratos como sentimentos, emoções, entre outros”.

Devido dificuldade de interação social, eles podem apresentar o desenvolvimento tardio da fala, o que dificulta o aprendizado deles, algumas pessoas autistas pode apresentar apego a coisas físicas, como a um objeto, ou algum outro interesse específico por algo, vai depender de cada pessoa e da particularidade que vai apresentar.

Aconselha-se que para um melhor desenvolvimento intelectual da criança com transtorno do espectro autista, os mesmos devem ser instruídos a fazerem associação das palavras com quaisquer objetos, animais, ou frutas existentes, para assim eles conseguirem relacionar esses itens acima, com as palavras que eles irão aprender.

Esse método pode ser usado não somente em crianças que possuem o TEA, mas também por aquelas que estão iniciando a educação infantil, pois é uma forma de aprender de acordo com itens já presentes no cotidiano deles, facilitando assim o entendimento para ambas as pessoas, tanto as que possuem alguma síndrome, como as que não têm alguma dificuldade intelectual.

Portanto, nesse momento, abre-se um parêntese para falar-se um pouco sobre o desenvolvimento da leitura e escrita, pois é indiscutível o fato de que a aquisição de leitura e escrita é um dos momentos mais importantes para o processo de socialização das crianças e de constituição desta como um ser social, digno de cidadania. Darton (2012) lembra que através da leitura que a criança passa a despertar novos sentimentos e suas capacidades e passa a ter uma visão do mundo que começa a se definir.

A criança quando começa a ler e escrever consegue apreender tudo o que está ao seu redor, tudo o que é escrito nos lugares. Onde ela passa, quer ler passando, assim, desenvolver seu intelectual começando a sua formação de princípios para medir e codificar os próprios sentimentos e ações passando a adquirir interesse pelas coisas em torno ao seu redor no seu cotidiano.

Assim, a leitura não é simplesmente uma habilidade, mas “uma maneira de estabelecer significado que deve variar de cultura para cultura é um conjunto de sociais variáveis, onde todos devem ter acesso, independente da cultura de cada indivíduo” (DARTON, 1992, p. 218).

Lajollo (2005) também contribui com esse assunto afirmando que não é possível encontrar a ‘formula Mágica’ para desenvolver e criar o gosto pela leitura, mas os educadores devem proporcionar aos alunos esta experiência como “uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e apresentá-la como uma construção de novos conhecimentos”. Isso possibilita a aquisição da linguagem de modo prazeroso, espontâneo e com interações positivas no convívio social.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 1997, BNCC), Por meio da leitura e escrita o ser humano se constrói como sujeito ativo e crítico. Tal entendimento propôs a ideia de que a formação de jovens leitores e escritores competentes se constitui por meio do contato com diversos textos, relacionando os dados textuais, com a prática da escrita, sendo um meio onde o sujeito, passa a desenvolver suas habilidades, e dando continuidade a esse processo ensino e aprendizagem.

Corroborar Zilberman (1999, p. 88) comentando que crianças que desde os primeiros anos de vida se habituem a manusear livros infantis e ouvem histórias contadas pelos pais, avós ou babás e mais tarde leem aventuras cujos protagonistas são crianças de sua mesma faixa etária, provavelmente desenvolverão com mais rapidez o ofício da leitura. “Essas crianças, na fase adulta, com certeza sentirão um imenso prazer na leitura”.

Conforme Foucambert (2004) desde o primeiro dia, o desenvolvimento cognitivo da criança se opera pela inferência do sentido de determinados elementos de uma situação fortemente envolvente. Na opinião desse autor, a partir das situações nas quais interage, a criança cria um sistema provisório que lhe permite antecipar índices pertinentes para a classificação, a denominação, a ação, entre outros.

Assim, em sala de aula, a primeira motivação para ler é simplesmente a alegria de praticar habilidades recém-adquiridas, o prazer da atividade intelectual recém-descoberta e do domínio de uma habilidade mecânica. Se o professor responder a essa motivação com material de leitura fácil, emocionante, apropriado ao grupo de idade específico.

Desse modo, compreende-se que no processo de aquisição da leitura e escrita a criança, das séries iniciais do ensino fundamental, possa perfeitamente se deparar com uma realidade prazerosa ao encontrar coisas e pessoas familiares (histórias ambientais) ou coisas novas e não familiares (livros de aventuras), desejo de fugir da realidade e viver num mundo de fantasia (contos de fadas, histórias fantásticas, livros

utópicos), necessidade de autoafirmação, busca de ideais (biografias), conselhos (não ficção), entretenimento (livros de esportes, etc) (KLEIMAN, 2005).

No entanto, muitas das práticas do professor no período após a alfabetização sedimentam as imagens negativas sobre o livro e a leitura do aluno, que logo passa a ser mais um não leitor em formação. É afirmado por essa autora que as práticas desmotivadoras, pelas consequências nefastas que trazem, provêm, basicamente, de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem.

Esse tipo de prática citada por Kleiman (2005, p.54), trata-se de prática alicerçada por um entendimento restrito e incoerente do que seja ensinar português, entendimento este tradicionalmente legitimado tanto dentro como fora da escola. “É dessa legitimidade que se deriva um dos aspectos mais nefastos das práticas limitadoras: elas são perpetuadas não só dentro da escola, o que seria de se esperar, mas, também, funcionam como o mecanismo mais poderoso para a exclusão fora da escola”.

Sobre a questão da prática alfabetizadora é papel do professor elaborar atividades de alfabetização e é dever dos alunos com a orientação do professor realizar as atividades que lhe foi proposta. Assim, para que o processo de aquisição da leitura e escrita seja feita de forma plausível, é necessário promover nas crianças a aprendizagem do sistema da língua escrita de forma apropriada, considerando o processo de interação, permitindo à criança um olhar sobre leitura e escrita mais associado à prática social.

Essa prática social tem a ver com aspectos da linguagem que favorecem o entendimento das múltiplas funções da leitura e escrita na sociedade. Assim, estratégias de leitura dependem do contexto e das situações envolvidas, Kleiman (2005) alega que há diversas formas de ler e interpretar textos ou uma anotação qualquer isso vai depender do contexto em que a leitura está inserida. Ao fazer uma anotação o leitor destaca apenas o que ele considera importante, a autora nos mostra o exemplo de um casal formado por uma dentista que lê jornal para se informar e um professor de língua portuguesa que lê jornal para fins didáticos.

Assim como a leitura, a escrita também tem funções distintas que também depende da situação. No ensino da escrita os métodos utilizados devem ser adequados. Desse modo, crianças provenientes de camadas populares por não terem acesso a um ambiente letrado, apresentam desvantagens em relação ao aprendizado da leitura e escrita. Do contrário, as crianças que vivem em um ambiente rico de

estímulos relacionados à alfabetização e ao letramento, têm mais facilidade de aprender a ler e escrever.

Falar e pensar são práticas centrais para aprendizagem do letramento, como ler e escrever. Contrariando o desenvolvimento natural, a criança precisa do suporte e mediação do adulto, que é coparticipante do processo do letramento. Portanto, segundo Mendonça (2009, p. 26), além de saber expressar-se por meio da escrita é necessário dar oportunidade para o aluno expressar-se oralmente.

Em relação à escrita, vale também aqui comentar que nas séries iniciais, segundo Mendonça (2009) esta deve iniciar-se junto com o processo de alfabetização e tudo que a criança produzir nesse período deve ser elogiado, fazendo com que ela sintasse valorizada e tenha vontade de escrever sempre mais.

O olhar para o mundo da escrita deve estar voltado mais para a evidência das qualidades, do que meramente para detectar erros gramaticais, como infelizmente acontece numa prática escolar voltada especificamente para princípios tradicionais e ultrapassados.

Assim, a leitura e a produção de diferentes textos são tarefas imprescindíveis para a formação de pessoas letradas. No entanto, é importante que, na escola, os contextos de leitura e produção levem em consideração os usos e funções do gênero em questão.

O ensino de língua portuguesa precisa ver a língua como diversa em seus usos, pois cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes em seus contextos de uso. Como uma das modalidades de uso da língua, a escrita existe, por exemplo, para cumprir diferentes funções comunicativas, de maior ou menor relevância para a vida da comunidade (ANTUNES, 2003, p.47).

Esses aspectos precisam ser considerados quando ensinam os usos sociais da linguagem. Como alerta a autora ao propor que prestemos atenção à vida das pessoas nas sociedades letradas, pois podemos constatar que a escrita está presente, de maneira constante em diversos contextos, tais como, no trabalho, nas brincadeiras, na escola, no recreio, nas reuniões de família etc., portanto, nas práticas de ensino não poderia ser diferente.

Os Parâmetros Curriculares (BRASIL, 1997, p.21) apontam a necessidade de levar em consideração os diferentes contextos e situações de comunicação, pois o domínio da língua tem estreita relação com:

- A possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica,
- Acesso à informação,
- Expressão e defesa pontos de vista,
- Partilha ou construção de visões de mundo,
- Produção conhecimento.

Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

No que concerne à leitura, ela é uma atividade complementar à atividade da produção escrita que precisa ser considerada para além da decodificação gráfica, pois a leitura é parte da interação verbal escrita, enquanto também implica participação cooperativa entre quem escreve e o leitor. Nesse processo cooperativo, o leitor, como sujeito de interação, também atua na tessitura do texto, pois busca, por meio da leitura, interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor. (ANTUNES, 2003).

É preciso ler e produzir textos diferentes para atender a finalidades diferenciadas, a fim de que superemos o ler e a escrever para apenas aprender a ler e a escrever. Sem essa compreensão, a leitura deixa de ter interesse e de ser uma atividade motivadora, pois nada tem a dizer ao leitor. “Na verdade, só se pode considerar realmente que uma criança lê quando existe a compreensão”. “Quando a criança decodifica e não compreende não se pode afirmar que ela está lendo” (MENDONÇA, 2009, p. 27).

A criança tem que entender o que lê para ter uma compreensão daquela palavra que leu. Em relação à escrita ocorre o oposto, a criança tem que relacionar o som, o significado e a palavra impressa. Pode-se dizer que a diferença principal entre a leitura e escrita é que na leitura parte da informação visual, ou seja, da decodificação das letras que compõem as palavras, na escrita, reflete a palavra falada.

Voltando ao cerne da questão, ou seja, o aluno autista na sala de aula, Silva e Mulick (2009, p.120) comentam que é também comum se observar crianças autistas fascinadas por certos estímulos visuais, “como luzes piscando e reflexos de espelho

bem como tendo certas aversões ou preferências por gostos, cheiros e texturas específicas [...]”.

Compreende-se, então, porque algumas crianças autistas possuem fascinação por movimentos repetitivos, luzes que chamem sua atenção e por coisas rotativas, como rodas de brinquedos, ventiladores, isso varia de cada um, mas geralmente essas características são atribuídas à maioria das pessoas que possuem o TEA.

Em outros casos, acontece a aversão a sons muito agudos, que os incomodem, pois isso acaba tirando a concentração deles para o que esteja sendo feito naquele momento, a partir disso é notório a preferência por lugares calmos e que o ambiente já seja familiar, para assim evitar desconfortos com os locais que são frequentados pelos autistas.

A melhor forma de fazer uma pessoa com espectro autista se sentir confortável com o ambiente, é deixá-lo em um local com o menor barulho possível, pois os sons causam incômodos, principalmente em lugares em que o eco é maior, então evitar esses sons é a primeira coisa que o autista irá fazer.

O que todos devem ter em mente é que nenhum autista é igual ao outro, todos possuem suas particularidades, e não importa o grau que eles apresentem, mas o que eles podem fazer com o acompanhamento certo, buscando sempre informações sobre o assunto e a melhor forma de continuar no desenvolvimento deles, pois, informa Rotta, (2007, p. 423), na atualidade, sabe-se que o autismo não é uma doença única, “mas sim um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidade”

Dessa forma, as características apresentadas por um autista não devem ser motivo para desistir daquela criança, mas buscar formas de fazê-la se desenvolver na medida do possível, observando as conquistas que aos poucos serão alcançadas, e superando os desafios encontrados diariamente, procurando maneiras de ajudar a pessoa que possui TEA a conviver em sociedade da melhor forma possível, mas sempre respeitando o tempo deles.

Compreende-se que quem possui o TEA, não pode ser forçado a fazer algo que ele não queira, pois eles apenas realizam suas tarefas diárias no tempo deles, e caso o autista seja forçado, o mesmo pode ficar irritando, causando assim diversos

transtornos durante esse tempo, como agitação e assim podem machucar-se, então a melhor forma para que isso não aconteça, é evitar.

Deve-se prestar atenção também se a criança mantém contato visual direto com outras pessoas, pois essa é uma característica que o autista não possui, porque quem possui o transtorno autístico não gosta de manter esse contato, eles só prestam atenção em outros indivíduos quando eles querem, e caso eles façam esse contato visual, ele não será mantido por muito tempo.

2.4 DESAFIOS DO PROFESSOR COM O ALUNO AUTISTA

O desafio enfrentado diariamente pelos professores é grande, uma vez que trabalhar com pessoas é uma tarefa bastante complicada e trabalhar com crianças autistas é uma tarefa totalmente nova para muitos profissionais. Além disto, atualmente, o número de pessoas com autismo dentro de uma instituição de ensino aumentou consideravelmente, pois com todos os direitos que eles possuem, muitos familiares se sentem mais a vontade de matricular seus filhos na escola, para que eles possam se adaptar a uma rotina nova.

A tarefa não é fácil, principalmente, para o autista, pois o mesmo possui grande dificuldade de adaptação a coisas novas, pois é bem característico deles o isolamento e reclusão dentro de seu próprio mundo, então a escola está para tentar tirar um pouco dessa parte do autista e fazer com que eles possam interagir com outros.

Dessa forma, quem irá fazer essa adaptação do autista à escola será o professor juntamente com a família, uma vez que os dois terão um papel fundamental nessa nova rotina, e cabe o trabalho conjunto deles para essa adaptação ocorrer de forma positiva.

Nessa direção, é importante salientar que para Felício (2007, p. 25), para se educar um autista é preciso também promover sua integração social e, neste ponto, “a escola é, sem dúvidas, o primeiro passo para que aconteça esta integração, sendo possível por meio dela à aquisição de conceitos importantes para o curso da vida”.

O professor como educador tem um papel fundamental na vida das crianças, pois são eles que possuem o primeiro contato com elas na escola, que as acompanham diariamente, sendo impossível que não haja um vínculo com esse convívio. Com os autistas não é diferente, pois alguns acabam se apegando a certas coisas e pessoas, e conseguir a confiança deles é um passo fundamental para que o

professor possa desenvolver seu planejamento com eles. Dessa forma, é necessário que o professor saiba conduzir uma turma que possui alguma criança com TEA, pois ele não poderá trabalhar com ela, da mesma forma que os demais alunos.

O trabalho do profissional da educação acaba se tornando mais complicado, pois em vez dele fazer apenas atividades que sejam para toda a turma, ele vai ter que se planejar para fazer tarefas que estejam adaptadas para as dificuldades que o autista venha a apresentar durante o ano letivo.

Segundo Monte e Santos (2004, p. 31) o aluno com necessidades educacionais especiais, por apresentar autismo, “precisa ser ajudado a adquirir conhecimentos que os outros alunos aprendem naturalmente, por isso a importância da seleção de atividades”, pois será através das atividades diferenciadas que será suprido as dificuldades apresentadas por esses alunos, sendo de suma importância a realização de um planejamento diferenciado para as pessoas autistas, porque as formas de aprendizagem serão diferentes dos demais, então o professor deve saber mediar os conteúdos que são exigidos pela escola, com as dificuldades que eles irão apresentar.

O professor deixa de ser apenas um mediador de conhecimento e passa a ser um orientador para a criança autista, pois o educador se torna um estimulador de desenvolvimento e aprendizagem que será construída com os demais colegas de classe, passo esse fundamental para incluir o autista na escola.

Para Oliveira (1997, p.26) a mediação “é processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediado por esse elemento”, que no caso é o professor, ele será o mediador de conhecimento para a criança TEA, pois ele que estará acompanhando ela nas atividades desenvolvidas.

Esclarece Santos (2008, p. 30) que o nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo, portanto, caberá ao professor adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. O aluno deve ser avaliado para colocá-lo num grupo adequado, considerando a idade global, fornecida pelo PEP-R, desenvolvimento e nível de comportamento. “É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas”.

O professor precisa primeiramente entender que o autista tem que possuir seu próprio tempo para fazer as suas atividades, e tentar forçar o mesmo não irá adiantar, pois pode acabar deixando-o irritado, e dessa forma ele não irá fazer nada, e pode até

mesmo tentar machucar algum colega e a si. Assim, o educador deve ter em mente que para um bom convívio com o autista, a paciência deve prevalecer todos os dias, porque muitas dificuldades serão encontradas, pois o desenvolvimento deles ocorre de forma lenta e gradativa, por isso cada avanço que eles conseguirem será importante para todos que convivem com essas crianças.

O professor sabe que não possui nada mais gratificante para ele do que ter o reconhecimento pelo seu trabalho, mesmo que isso aconteça a partir de pequenos avanços ao longo do ano letivo, porque a família que acompanha os filhos verá que o desenvolvimento que eles aos poucos irão apresentar.

Nóvoa (1995, p.25) fala que a formação do professor não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re) construção permanente de uma identidade pessoal.

Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. Mais especificamente, a formação do professor, pois ela não se constrói apenas por cursos, eles são importantes no decorrer da vida acadêmica desse profissional, mas a experiência vai ser um fator primordial no trabalho com as crianças autistas.

Os cursos irão contribuir no conhecimento do profissional sobre o autismo, mas apesar de estudar sobre o tema, é quando chegar em uma sala de aula que possui um aluno com TEA que o professor irá se dar conta da responsabilidade que ele vai ter de ajudar no desenvolvimento dessas crianças.

Não é uma tarefa fácil de realizar, mas não impossível. O professor deve estar sempre buscando metodologias que possam o auxiliar durante o ano letivo para a evolução do ensino aprendizagem dos autistas, principalmente depois de conhecer essas crianças, pois elas nos fazem enxergar a educação com um olhar diferenciado.

De tal modo, é imprescindível que o educador e qualquer outro profissional que trabalhe junto à pessoa com autismo seja um conhecedor da síndrome e de suas características inerentes e “tais conhecimentos devem servir como sustento positivo para o planejamento das ações a serem praticadas e executadas” (ORRÚ, 2012, p.1).

O professor, toda vez que recebe um aluno autista em sala de aula, irá perceber que apesar das características mais marcantes entre eles, sempre haverá algo que os diferenciara uns dos outros, pois eles nunca serão iguais. Assim, a forma de trabalhar do educador também irá se adaptar conforme os alunos. O educador deve

saber que apesar de conhecer as características mais marcantes da pessoa com TEA, que nenhum outro profissional conhecerá todas as características que o autista venha a apresentar, porque eles sempre serão diferentes e é em cima disso que o professor deve trabalhar.

Ressalta-se que, com o conhecimento pelo menos básico, o professor irá planejar suas atividades a partir das dificuldades que ele encontrou nessas crianças e dessa forma, traçar todo um planejamento que ajudará no ensino aprendizagem dos autistas, para conseguir um resultado satisfatório no fim do ano letivo.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

3.1 A PESQUISA QUANTO À NATUREZA E AOS OBJETIVOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, também conhecida como fundamental, pois busca gerar conhecimentos novos para avanço da ciência sem aplicação prática, portanto, a finalidade da pesquisa básica não é imediata (PRESTES, 2012).

Quanto ao objetivo, é uma pesquisa de cunho exploratório e descritivo. A pesquisa é descritiva, pois se descreve o fenômeno analisado, bem como, exploratória, visto que objetiva conquistar maior familiaridade com o problema levantado, para esclarecimentos e aprofundamentos, inclusive, instigando pesquisas futuras. A pesquisa exploratória costuma estar associada ao estudo de caso, e como no caso, à pesquisa bibliográfica (PRESTES, 2012).

3.2 O PROCEDIMENTO TÉCNICO DA PESQUISA

Para que um estudo tenha fundamentos científicos é necessário que seja feita uma pesquisa bibliográfica, na qual o pesquisador utiliza unicamente dos dados e informações descritas nos livros ou nos outros suportes, que diz a respeito do objeto de estudo. De modo que, espontaneamente, essas informações colhidas são relacionadas às questões da realidade, tornando mais precisas à intenção da pesquisa.

Este tipo de pesquisa é desenvolvido, considerando a sua finalidade, onde a mesma afirma que é “aquela que se efetiva tentando-se resolver um problema ou adquirir conhecimentos a partir do emprego predominantemente de informações provenientes de material gráfico, sonoro ou informatizado” (PRESTES, 2012, p. 30).

Assim, as informações bibliográficas podem ter variadas origens, têm umas que são oriundas das livrarias através de livros, da internet por meio de artigos publicados, dos jornais impressos, em multimídia, o comum é que são registrados geralmente, na forma escrita, sonoro ou audiovisual.

Para autora, uma vez selecionadas, servem de referenciais, os quais norteiam o pesquisador no ato da pesquisa sobre a lógica e o conceito de um determinado objeto de estudo, sendo que também, proporcionam o conhecimento a respeito da

temática, em que através desse meio, o estudioso pode obter vários pontos de vistas a partir de ângulos diferentes.

Por sua vez, Severino (2002), esse tipo de pesquisa consiste em acervo de informações onde pode ser considerada pelo pesquisador como alternativa, na qual além de outras fontes, pode lhe oferecer dados e informações de forma preliminar, acerca do tema proposto, quando diz que “os estudiosos encontram também nas grandes enciclopédias, nos dicionários especializados, nas monografias, nos tratados, nos textos didáticos, nas revistas, informações bibliográficas para trabalhos de cunho científico nas respectivas áreas”, (SEVERINO, 2002, p. 77).

Para tanto, sobre a noção de pesquisa bibliográfica que, diversas fontes e obras foram analisadas, de variados formatos, materiais bibliográficos como: livros, artigos, revistas, censo, documento, teses, monografias, documentários atuais e dos séculos remotos, de modo a fundamentar a base e a lógica deste estudo, uma vez que, todas as informações e dados analisados foram selecionados, e organizados em forma de fichários e fichamentos, segundo Prestes (2012, p. 32), que, por conseguinte nortearam o objetivo.

3.3 A COLETA DE DADOS

De acordo com Prestes (2002) o projeto de pesquisa, o pesquisador deverá descrever detalhadamente o método que usará para coletar seus dados. Basicamente ele pode adotar como método de coleta de dados a utilização de documentos, a observação de comportamentos ou então a informação dada pelo próprio sujeito, seja oralmente (entrevistas) ou de forma escrita (questionários auto administrados).

Como exemplo de coleta de dados, Prestes (2012) enfatiza que se trata de documentos escritos, oficiais ou pessoais. No caso de documentos oficiais, podemos utilizar, por exemplo, o prontuário de hospitais psiquiátricos se quiser pesquisar as características clínicas dos pacientes que frequentaram a emergência no último ano ou podemos consultar as fichas de registro de acidentes em alguma organização do governo que compila este tipo de dados.

A coleta de foram mencionados documentos que se resumem a textos, mas os documentos podem também ser visuais, tais como desenhos, pinturas ou documentos sonoros, tais como cassetes ou discos. Na presente pesquisa, os dados analisados foram às sugestões metodológicas evidenciadas por diversos autores de como se

deve tratar o aluno autista em sala e de como desenvolver as habilidades de leitura e escrita para esse público alvo, e assim alcançar o objetivo principal dessa pesquisa.

Logo, conforme Severino (2002) existe pesquisas que são realizadas tendo unicamente como recurso a pesquisa bibliográfica, a partir de autores renomados que corroboram para o esclarecimento de alguma questão que é relevante para a temática em questão. É o caso da presente pesquisa que se enquadra nesse perfil de estudo.

A presente pesquisa fundamenta-se nos seguintes requisitos básicos do estudo científico: pesquisa bibliográfica, evidenciando, a fundamentação teórica com autores renomados que abordaram a teoria em questão e, por meio de postulados teóricos, buscou-se sugestões metodológicas para o Ensino da Língua Portuguesa, com ênfase na leitura e escrita. Essas propostas são voltadas especificamente para alunos autistas.

3.4 ABORDAGENS PARA ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Para a análise dos dados coletados, a abordagem é qualitativa, visto que interpreta e analisa os fenômenos, atribuindo-os significados, que não podem ser analisados quantitativamente, de forma que estimula pesquisador trazer sua compreensão, ou seja, procede-se análise direta entre o pesquisador e o objeto de estudo (PRESTES, 2012).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 COMO TRATAR O ALUNO AUTISTA EM SALA DE AULA

O desafio de trabalhar com uma criança que possui o transtorno do espectro autista são grandes, uma vez que eles precisam de cuidado dentro e fora da sala de aula. Dessa forma o profissional que o acompanha deve estar apto a realizar esse trabalho que não é fácil, pois o autista precisa de todo acompanhamento necessário de acordo com o grau que ela venha a possuir.

Na escola, o responsável por essas crianças é o professor, ou às vezes quando requerido pelos familiares, o professor itinerante, pois ele vai estar sempre acompanhando o aluno durante as aulas, pois o educador titular da sala tem que dividir sua atenção para todos os alunos que estejam presentes.

Assim, o professor tem que fazer um planejamento diferenciado para o autista, que irá ajudar a suprir as dificuldades que a pessoa com TEA apresente, a partir desse plano de aula, o educador irá realizar as atividades necessárias para o desenvolvimento do ensino aprendizagem dessas crianças.

Os professores estudam e se instrumentalizam rapidamente quando há uma criança com necessidades especiais em suas salas, mas se desgastam e se angustiam com as frustrações causadas pela quebra da expectativa que têm desses alunos.

Silva (2012, p. 76) comenta que muitos professores participam de congressos, aprendem técnicas novas, mas na hora de aplicá-las é bem diferente. Frustrados com a distancia entre o ideal e o real, na maioria das vezes, julgam-se pouco competentes e despreparados, o que faz com que desistam ou se sintam culpados. Outros podem “incorrer no erro de deixarem os demais alunos de lado, causando mais problemas”. “Alguns têm receio de serem recriminados pelos pais, outros não têm a menor ideia do que fazer e, simplesmente, ficam à mercê das vontades da criança”.

O docente deve sempre estar fazendo cursos para atualizar suas metodologias de trabalho de acordo com a dificuldade de seus alunos, dessa forma a melhor maneira que esse profissional encontra é investindo sempre mais em palestras que possa o ajudar quando estiver em sala de aula, juntando a teoria com a prática.

Cada vez mais comum ter alunos com transtorno do espectro autista presentes nas escolas, e a especialização dos docentes será essencial para poder trabalhar com

essas pessoas, pois a atenção que os autistas recebem de certa forma é maior que a dos demais colegas.

Isso varia de acordo com cada caso, porque como algumas pessoas possuem o TEA severo, a dependência de outros indivíduos acaba sendo constante na sua vida, diferente daqueles que possuem o autismo leve, pois a dificuldade que eles apresentarão será menor. Então o professor quando tiver desenvolvendo o seu planejamento deve atentar-se a esses pequenos detalhes.

O docente conhece como ninguém os alunos que estão presentes todos os dias na classe, dessa forma, será mais fácil ter esse cuidado na elaboração de suas práticas pedagógicas, para que elas possam incluir todas as crianças que estejam durante a aula, sem exceção. Isso é claro varia de acordo com cada profissional, pois cada um possui uma forma diferenciada de trabalhar, mas de maneira geral, todos os professores tentarão fazer com que as crianças que possuem o TEA, sintam-se acolhidas durante o período que estiverem na escola.

O docente deve aproveitar as próprias características do autista para trabalhar com eles, pois a pessoa com TEA costuma seguir uma rotina, e dessa forma o professor pode usar esse elemento a seu favor, criando durante a adaptação dessas crianças um padrão de afazeres escolares.

Essa rotina pode beneficiar tanto o docente como o aluno, uma vez que quando o autista já estiver acostumado a frequentar a escola diariamente, logo ele estará adaptado a essa nova rotina, e para a pessoa que possui o TEA é primordial que isso aconteça, pois o mesmo se sente seguro com esse padrão bem característico deles.

Como o docente conhece cada aluno que está na sala de aula, ele saberá lidar da melhor forma possível com a criança autista, porque o professor estará trabalhando diariamente com as pessoas que possuem o TEA, dessa forma, o educador saberá quais os pontos principais que deve ser repassado aos alunos.

Assim, o docente deve fazer o planejamento das aulas que ele irá ministrar, uma vez que essa é uma forma de demonstrar que esse profissional conhece seus alunos e está preparando aulas de acordo com o nível de aprendizagem dos mesmos, pois ele reconhece as dificuldades que os discentes apresentam.

Como os autistas possuem bastantes dificuldades de adaptação a lugares e pessoas novas, é essencial que o professor tenha cuidado redobrado ao receber essas crianças em suas classes, para que essa adaptação ocorra de forma positiva e que não cause nenhum tipo de estranhamento da parte da criança.

Nesse sentido esclarece Cunha (2012, p.33) que é normal à criança autista sentir-se desconfortável e intimidada em um ambiente novo, como o da escola. É normal buscar apoio nas coisas ou nos movimentos que a atraem, mantendo-se permanentemente concentrada neles, esquecendo de todo o resto. É normal a birra quando alguém a contraria. “É normal o medo e a raiva ganharem proporções traumáticas. O professor precisa aprender a se relacionar com a realidade do mundo autístico”.

Nessa relação quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o aluno. Assim, é normal que a pessoa com TEA, possua certos desconfortos quando ingressar na escola, pois a reclusão e o medo de interagir com outros é bem característico do autista, e dessa forma, a sua inserção em sala de aula se dará de maneira mais lenta.

O autista tem sua própria forma de enxergar o mundo, até porque eles preferem viverem isolados de outras pessoas, de barulhos que os incomodem, e na escola eles não terão como se afastar dos demais colegas, pois é importante a participação de todos durante as atividades escolares.

O docente deve saber trabalhar isso, pois ele não pode forçar qualquer criança a fazer o que ela não queira, e caso isso aconteça com o autista, ele não irá reagir de uma maneira satisfatória, porque caso ele venha a ser contrariada, a pessoa com TEA pode fazer birra e acabar até se machucando na escola, o que de certa forma pode até mesmo acarretar em aversão àquele local.

A partir disso, sabe-se que o docente deve acolher bem todas as crianças que estão presentes em sua classe e trabalhar com elas de forma que todas estejam gostando do ambiente que estão inseridas. O que deve ser o caso do autista, pois para que queira continuar na escola é necessário que o mesmo se sinta à vontade no ambiente escolar.

Isso irá acontecer a partir do momento que o docente desenvolver práticas pedagógicas que irão somar no processo de ensino aprendizagem das crianças autistas e o profissional da educação deve ter em mente que insistir em trabalhar com as metodologias que serão desenvolvidas para os alunos é essencial para que haja aprendizado.

Em relação a isso o professor juntamente com a equipe escolar deve elaborar métodos e metodologias para estimular a interação e socialização do aluno na sala de aula para que possam participar de atividades juntamente com os demais alunos,

mas sempre o professor deve respeitar o tempo de seu aluno, deixando se sentir a vontade na turma e, não insistir em nada contra sua vontade, o que isso pode ser prejudicial para que o processo de inclusão ocorra.

Para alcançar metas e objetivos esses profissionais devem observar alguns requisitos do indivíduo, como analisar sua idade, o seu dia a dia, quais são suas habilidades, o que a criança tem facilidade para realizar e quais são os déficits apresentados pela criança autista.

Quando o professor obtém todas as informações possíveis, o planejamento tende ser cada vez mais eficaz, tendo grandes chances de se conseguir seus objetivos. Para analisar o desenvolvimento, por último vem o processo de avaliação que é fundamental na análise de qualquer planejamento. Ressalta-se que o processo de avaliação deve ser algo contínuo e se for preciso deve-se modificar algum método no planejamento que não esteja tendo êxito, realizando ajustes.

4.2 CAMINHOS PARA O PROCESSO DE ENSINO/ APRENDIZAGEM

A participação da criança autista na escola tem papel essencial para o seu desenvolvimento, e quando conseguem obter o seu processo de autonomia a inclusão desse aluno no ambiente escolar tende a ser mais efetivo, na qual ele vai conseguir desenvolver algumas atividades, na qual tem alunos autistas que apresentam graus de limitações diferentes dos outros, mas a escola proporciona que o aluno possa desenvolver esse processo de socialização.

Partindo-se dos comentários de Melo (2016, p.18) compreende-se que a participação de crianças com o TEA na escola é fundamental para o seu desenvolvimento integral, desenvolvendo a autonomia necessária para a inclusão social e escolar. “Se tratando daqueles sujeitos que apresentam limitações cognitivas mais severas, a ida à escola fará com que em situações diversas em contato com os colegas, possam aprender a se relacionar, a criar de laços afetivos”, tornando-se muito válido esse contato, visto que essa é uma área bastante comprometida na vida do autista.

Ressalta-se que é importante que a família e a escola lhe deem autonomia para realizar as atividades escolares e diárias, que não se apoiem apenas nas limitações, as crianças autistas tem capacidades de desenvolver suas atividades, em alguns

momentos precisando do auxílio de alguém, mas em alguns momentos conseguem desenvolver sozinhas.

O professor deve auxiliar o aluno de forma clara que ele possa compreender o que se pede nas atividades, se necessário utilizar cartazes e painéis com imagem para que o aluno compreenda o que se deve fazer nessas atividades e auxílios não verbais têm grande importância para a compreensão do aluno, pois eles podem verificar as imagens e tentar repetir o que se observou.

Tem a disposição do professor, além de recursos não verbais, os recursos audiovisuais que compreende a utilização de vídeos para contribuir no ensino, também o audiocinestésico-visuais, que é a utilização de sons, palavras e movimentos ligados a fotos, todos para auxiliar o trabalho da escola, da família e demais profissionais que contribuem para o desenvolvimento da criança.

Vale lembrar, há alunos autistas que têm facilidade para aprendizagem em determinadas áreas como na disciplina de Matemática. De maneira geral, há um aluno com o transtorno do espectro autista que o seu QI (Quociente de Inteligência), pode ser elevado, normal ou baixo, na qual também existem crianças autistas que têm deficiência intelectual, que acaba influenciando no nível da sua aprendizagem.

Mas outros que, além das dificuldades de aprendizagem inerentes, há crianças autistas verbais e não verbais o que poderá interferir no processo de ensino do professor, por isso a importância de conhecer as dificuldades e habilidades dos alunos, para montar e elaborar metodologias que contribuirão e terão resultados positivos.

Ressalta-se que analisando o aluno autista durante atividades lúdicas o professor vai conhecer ainda melhor o seu aluno. Portanto, as brincadeiras podem proporcionar desenvolvimento na parte motora e cognitiva, bem como, incentivar a interação e socialização entre os alunos, fatores fundamentais para a criança autista que apresenta dificuldade em algumas áreas, sendo uma delas no processo de socialização e afetividade.

4.3 SUGESTÕES METODOLÓGICAS PARA ALUNO AUTISTA DO 6º ANO

De acordo com a fundamentação teórica deste, observa-se que os alunos autistas respondem bem aos sistemas organizados. Pelo fato de eles terem dificuldade com tudo o que é novo, a rotina precisa ser uma estratégia a ser adotada

para o desenvolvimento do letramento destes. Assim o primeiro passa a ser adotado pelo professor é que este deve organizar a sala de aula para efetivamente conseguir ensinar os alunos.

Assim, conforme Almeida (2019), organizar o cotidiano da sala de aula para que os alunos possam aperfeiçoar suas habilidades assim como desenvolver aquelas que estão mais comprometidas, facilita o aprendizado. Além disso, na medida em que o professor rever rapidamente algumas das dificuldades da criança autista e como elas apontam para a necessidade de uma organização, essa estratégia terá muito mais eficácia.

Logo, é preciso observar as dificuldades de compreensão das mensagens ouvidas pela criança, uma vez que essa é característica do autismo. Muitas vezes o aluno pode não entender a mensagem quando o professor está acreditando que ele esteja entendendo, causando assim uma reação de agressividade ou de falta de iniciativa. Pode também acontecer que o aluno não possua linguagem suficiente para comunicar verbalmente ao professor que está cansado, com calor, com fome, entediado ou com vontade de ir embora, exceto através de birras e pirraças.

Não pode esquecer que a criança autista pode ter uma memória bem curta das sequências dos fatos, sons, e não conseguir manter a sequência dos eventos, mesmo que os cotidianos, ou não ter certeza quando algo diferente irá acontecer. Geralmente ele se sente mais confortável permanecendo em atividades que “já tem costume” resistindo assim a aprender as novas. Muitas vezes ele é incapaz de se organizar ou impor limites a seu próprio comportamento e não tem noção das regras sociais.

Essa deficiência justifica o fato do aluno autista tentar “chamar a atenção” dos outros de forma inapropriada ou preferir ficar isolado. Devido a sua dificuldade de relacionamento social ele pode não ter motivação para agradar os outros ou não ser sensível a elogios podendo assim parecer que há resistência ao aprendizado.

Portanto, organizar a sala-de-aula ou qualquer outro ambiente de ensino ao nível de compreensão do aluno pode diminuir suas dificuldades, resultando assim numa otimização do aprendizado. Assim, a sugestão de ensino para aluno autista no 6º ano está baseada no tripé: organização física, programação das atividades e métodos de ensino, proposto por Almeida (2019).

4.3.1 Organizações da Área física

A disposição física da sala-de-aula deve ser considerada quando se planeja o ensino para alunos autistas. Até a disposição dos móveis da sala pode ajudar ou atrapalhar o funcionamento independente do aluno, o reconhecimento e respeito pelas regras e limites. Não se esqueça das dificuldades do portador de autismo ao planejar a organização física da sala-de-aula. Muitos alunos possuem dificuldades de organização pessoal não sabendo aonde ir e como chegar pelo caminho mais fácil.

Devido às dificuldades de recepção da linguagem eles geralmente não entendem direções ou regras. A organização do meio ambiente lhes dá pistas visuais, que os ajuda a entender. Algumas pessoas com autismo são altamente distraídas por qualquer “coisa” do ambiente. Os professores precisarão organizar o ambiente para que não haja tanta distração. Antes de planejar a organização física da sala-de-aula, o professor pode querer avaliar o meio ambiente de modo geral. Uma boa organização não será tão eficaz se existirem outros problemas.

Assim, o primeiro passo é definir áreas estratégicas para tarefas de aprendizado específicas, identificar com clareza os limites e fazer materiais facilmente acessíveis ajudam os alunos, a saber, de forma independente onde devem estar e onde obter seus próprios materiais. Desta forma, o professor não tem de estar constantemente repetindo instruções ou lembrando algo aos alunos, causando menos confusão de informações (quantidade de verbalizações) na sala. Salas e alunos diferentes exigirão estruturas diferentes.

Um professor com alunos com idade escolar em média entre 11 e 12 anos de idade poderia organizar as áreas de aprendizado para jogos, trabalho individual e independente, desenvolvimento de autoajuda, oficina, aptidões domésticas, autoajuda, cuidados pessoais e locais para ensino individualizado. Muitas salas precisam utilizar a área externa como local para que alguns alunos se distanciem de distrações e excesso de estímulos em determinado momento e assim recuperem o autocontrole.

Todas as salas devem ter um espaço definido para que os alunos coloquem seus objetos pessoais. Podem ser escaninhos, armários ou caixas especiais. A mesa do professor, ou seu espaço, deve estar separado na sala. A organização das áreas na sala-de-aula pode começar a disposição natural. Por exemplo: proximidade de

janelas e espelhos prejudicam as áreas de trabalho pela distração que causam. Caso isto não possa ser evitado deve-se usar persianas ou papelão pregado na janela.

É benéfico utilizar áreas de trabalho próximas a prateleiras ou armários de forma que os materiais possam ser facilmente acessados. Os armários embutidos são ótimos para esta finalidade, pois se podem criar áreas de trabalho em sua volta. Paredes nuas também, pois as mesas devem ficar de frente para elas e se eliminam algumas distrações.

A área da oficina pode ser delimitada por estantes cheias de materiais e 2 ou 3 mesas mais compridas, de trabalho. Quando um aluno recebe os materiais de oficina deve se sentar naquela área para trabalhar. Outro exemplo: o professor pode colocar um pequeno tapete em frente ao lavatório/pia para mostrar aos alunos onde ficar quando estão lavando as mãos ou pratos.

Os materiais deverão ser claramente marcados ou organizados dentro do nível de compreensão do aluno. Alguns materiais são apenas para o professor, alguns não podem ser usados durante o tempo de leitura e cotação de histórias. A utilização de figuras, códigos de cores, símbolos numéricos, retratos, podem ajudar os alunos a marcar, buscar ou guardar os materiais de forma independente.

Assim, quando o professor planeja a organização física da sala é imprescindível levar em consideração as necessidades individuais de cada um. A individualização pode ser ilustrada como exemplo de três áreas de trabalho estruturadas diferentemente dentro do espaço da oficina numa sala:

1. Nos dois lados da oficina estão estantes cheias de material de leitura – isto define a área de trabalho;

2. No meio da oficina estão uma mesa e cadeiras para os que não se importam com as atividades dos outros ou estão aprendendo a lidar com distrações. Outra mesa de trabalho está de frente para uma parede nua e há fitas crepe marcando no chão onde as cadeiras devem ficar durante o trabalho – esta é para alunos mais facilmente distraídos e que divagam quando não estão ocupados;

3. Uma terceira área de trabalho é separada em dois lados com divisórias e ficam de frente a uma parede nua. O aluno que aqui deve trabalhar é aquele que é facilmente distraído pelo que os outros estão fazendo e tem comportamento que pode perturbar os que trabalham.

Almeida (2019) alerta para que o professor esteja atento para algumas perguntas que devem ser consideradas quando estes forem organizar suas salas:

1. Há espaço para o trabalho individual e em grupo?
2. As áreas de trabalho estão localizadas em ponto de menor distração?
3. As áreas de trabalho estão identificadas para que o aluno encontre seu próprio caminho?
4. Existem áreas de trabalho consistentes para aqueles que precisam?
5. O professor tem fácil acesso visual a todas as áreas de trabalho?
6. Há lugares para os alunos colocarem os trabalhos concluídos?
7. Os materiais de trabalho estão em área central e próximos as áreas de trabalho?
8. Os materiais de leitura são de fácil acesso e claramente marcados para eles?
9. Estão distantes das saídas?
11. Estão distantes de áreas de materiais, a que os alunos não devam ter acesso durante o tempo livre?
12. Os limites das áreas estão claros?
13. As prateleiras da área de jogos ou de lazer estão cheias de brinquedos ou jogos quebrados que ninguém usa?

4.3.2 Programação das Atividades

O professor deve usar um esquema para conseguir desenvolver as atividades dos alunos. Os alunos são direcionados a trabalharem com gêneros textuais e são orientados para elaborarem uma lista de compras do que é necessário para fazerem um bolo. Um grupo de alunos vai aprendendo como escrever determinadas palavras, outro, como devem usar os ingredientes e todos vão fazendo uma função diferente para a elaboração da receita de um bolo, todos com a ajuda de uma professora assistente.

Ao fundo ouve-se um relógio marcando a hora. Após o alarme do relógio, conforme o tempo estipulado pelo professor, cada grupo de alunos troca a atividade, sendo que um grupo vai ler a relação de ingredientes feita por outro grupo, enquanto outros irão compreender como usar os ingredientes necessários.

Assim, o professor vai direcionando as atividades de interação, leitura, escrita para que estes trabalhem os gêneros textuais escolhidos e saibam que há um ritual em que os grupos vão interagir com o toque do alarme, além da compreensão de que cada texto tem uma espécie de estrutura e função e se diferenciam dependendo do

contexto em que este for usado. Assim, a classe com certeza tem uma programação clara, consistente e objetiva, um esquema que determina quem, o que e quando. Essa programação das atividades é parte da organização das atividades que os alunos autistas necessitam.

Desse modo, a atenção sobre certos períodos de tempo, a programação das atividades ajuda-os a prever acontecimentos diários e semanais. Isto diminui a ansiedade sobre o não saber do que ocorrerá em seguida. Além do entendimento de como os textos são devidamente estruturados é importante saber qual atividade ocorrerá depois, e essa programação auxilia os alunos a se conduzir de forma independente entre as atividades, na medida em que estes saibam onde devem ir em seguida. (Além disso, alunos com pouca iniciativa podem ser motivados a completar uma tarefa considerada difícil se perceberem pelo esquema montado programação) que esta será seguida de atividade ou tarefa mais agradável.

Nesse contexto, a programação da classe é geralmente afixada em algum lugar da sala para que todos possam ver e a utilizarem. Esta é geralmente revisada quando da chegada dos alunos. O formato pode ser escrito, porém como nem todos serão capazes de entender o escrito pode-se utilizar figuras ou desenhos representando as atividades. Por exemplo: a figura de uma carteira ou mesa pode ser usada no lugar de “sessão de trabalho”.

A programação com gravuras pode ser disposta de cima para baixo ou da esquerda para a direita em um grande cartaz. Usando esta tabela global os professores podem organizar melhor as responsabilidades diárias, ou semanais. Um quadro de horário e atividades com a tabela anexa para cada professor é fácil de manusear e de consultar.

Para dividir as responsabilidades dos professores devem considerar quais os alunos trabalham bem em pequenos grupos, quais conseguem exercer atividades de forma independente, qual atividade necessita do professor fora da sala e quais alunos tem comportamento de difícil controle.

Alguns exemplos sugeridos por Almeida (2019):

1. Quando o professor e aluno terminam uma atividade (e seu consequente reforço), o professor mostra o item da próxima atividade. Ou o aluno segue para a área designada levando o item consigo ou usa o item como exemplo para apanhar outros materiais necessários e os leva para a mesa de trabalho.

2. Afixados ao quadro do lado da área de trabalho do aluno estão enfileiradas 4 ou 5 fotos para cada sessão de trabalho. O aluno começa com a foto da parte superior e obtém os materiais, completa a atividade e guarda os materiais. Ele continua a seguir o esquema através das fotos para a sessão de trabalho. A última foto em cada fileira será de um jogo ou brinquedo que o aluno goste. Quando alcança a foto, ele pode brincar até que soe o sinal para o início de uma nova sessão de trabalho.

Pregado na mesa está um pedaço de papel dividido em 3 fileiras de 3 quadrados cada. Cada quadrado tem um desenho ou lista de número. Cada quadrado corresponde a um bloco de horário da programação global da classe. O aluno segue a tabela da esquerda para a direita. O primeiro bloco relaciona os números das tarefas que ele deve fazer sozinho na área da oficina. Ao sinal de término do 1. Período de trabalho, ele segue as instruções do segundo bloco, que mostra o desenho de uma mesa e cadeira, representando o gênero textual a ser trabalhado com o professor.

O 3. Bloco tem o desenho da área de recreio. O aluno continua observando o esquema (programa) durante o dia. Este aluno recebe pequeno prêmio sempre que completar satisfatoriamente ou tenha executado toda essas tarefas relacionadas ou desenhadas em cada bloco.

3. Após a chegada, o aluno guarda seus objetos pessoais e apanha o quadro de horário e atividades que está dependurada na parede. Cada quadro tem um quadrinho para ser marcado. O aluno e professor preparam o programa juntos, no final do dia anterior. Verifica qual será sua atividade de 8:30 h e a completa.

Então chama o professor para conferir seu trabalho e recebe a marcação no quadrinho indicado. Sua próxima tarefa está prevista para as 8:30 h. Se houver tempo livre, ele pode usa-lo tranquilamente na área de lazer. Ele passa o dia consultando a tabela e o relógio e não recebe OK se não completar a tarefa no tempo e/ou comportamento indicado. Após receber certo número de OK's ele recebe uma estrela no painel no fim do dia. Quatro estrelas numa semana resultarão na escolha da atividade favorita ao invés de trabalho na tarde de sexta feira.

Dessa maneira, a utilização de programas claros e consistentes facilita o funcionamento perfeito da classe e deixa mais tempo para o ensino e aprendizado em si, ao invés de constantes reorganizações e planejamentos durante o horário de aula. A medida que os alunos aprendem a entender e observar os horários eles desenvolvem boa capacidade de trabalho independente e conseguem seguir

instruções, que são muito importantes para o sucesso em situações futuras (seja de ordem vocacional ou doméstica). Algumas questões são importantes para subsidiar os professores no planejamento da programação da classe ou dos alunos individualmente, tais como:

1. A programação está claramente delineada de forma que os professores saibam todas as responsabilidades diárias?
2. Há equilíbrio das atividades individuais, em grupos independentes e de lazer, diariamente?
3. A programação individual leva em conta as necessidades do aluno quanto a intervalos, reforço, atividades indesejadas, seguidas das atividades preferidas?
4. O programa ajuda o aluno nas transições aonde ir e onde fazer?
5. O programa auxilia o aluno, a saber, onde e quando começar e terminar uma tarefa?
6. Os gêneros textuais trabalhados para desenvolvimento da leitura dos alunos são facilmente compreendidos pelos alunos?

4.3.3 Método de Ensino

O professor deve sistematizar e organizar os métodos de ensino com a finalidade de ensinar de forma eficaz. Outra maneira de usar a organização para ajudar os alunos a um desempenho bem sucedido é na montagem das tarefas dos professores. Aqui também as dificuldades de recepção da linguagem prejudicam a compreensão dos alunos no que é esperado deles. Instruções para as tarefas e o uso de dicas e reforços devem ser organizadas e sistematizadas a fim de propiciar experiências de sucesso.

Isso torna as situações de aprendizado mais previsíveis (e, portanto, mais fáceis) e ajuda-os a superar a distração, a resistência a mudanças e a falta de motivação. As instruções podem ser dadas verbalmente ou não. Em qualquer caso estas devem ser dadas ao nível de compreensão do aluno.

A segunda forma de emissão transmite a mesma essência de mensagem. Instruções verbais também podem ser acompanhadas de gestos, para ajudar a compreensão. Alguns alunos podem expressar atenção pela orientação corporal, reação verbal ou pela paralisação de outras atividades. Ao dar instruções, o professor precisa estar certo de que as expectativas e consequências estão organizadas e

claras para o aluno. Se um aluno não sabe onde estão os materiais, como iniciar a tarefa ou o que fazer quando terminar, então é provável que ele não execute a tarefa de acordo com a expectativa do professor.

A distribuição dos livros e histórias no ambiente de acordo com os gêneros textuais usados e a utilização desses gêneros no dia a dia é bastante importante para que o aluno autista compreenda a função destes. Por exemplo, os desenhos ilustrativos de contos infantis são dispostos dos livros de chapeuzinho vermelho, os três porquinhos, a bela e a fera, João e Maria, entre outros e os desenhos com desenhos de saci Pererê e vitória régia são feitos para que os alunos percebam outro gênero textual que são as lendas amazônicas e assim por diante. Essas dicas visuais podem incluir formas variadas, por exemplo: as peças de encaixe, instruções escritas, cartão colorido que o aluno compara a uma caixa.

A maior parte das pessoas é motivada a trabalhar devido a uma combinação de elogios de outros, satisfação interior e compensação pecuniária. Os alunos autistas não são automaticamente motivados por tais coisas. Os professores precisam descobrir quais coisas os motivam e assim ensiná-los como um sistema de contingências funciona para eles. Outros podem ser motivados por uma atividade preferida.

O importante é todos dos dias os alunos devem receber elogios ou “reforços” sociais. Existem alunos para os quais o elogio de um adulto ou autoridade pode ser estímulo suficiente para mantê-lo ocupado, trabalhando e aprendendo. Existem também alguns alunos que encontrarão satisfação em completar o trabalho e não precisarão de outros tipos de reforços.

A seguir algumas perguntas que os professores devem considerar ao planejar os métodos de ensino para serem eficazes:

1. O professor tem a atenção do aluno antes de serem dadas as instruções?
2. A linguagem verbal utilizada é específica para o nível de compreensão dos alunos?
3. Os gestos estão acompanhados de instruções verbais para ajudar o aluno a entender quando ele está com dificuldade de compreensão?
4. O aluno recebe informação suficiente para ser capaz de completar uma tarefa o mais independente possível?
5. A disposição e organização dos materiais ajudam a transmitir instruções para os alunos?

6. Os materiais são apresentados de maneira organizada?
7. Há excesso de materiais apresentados em determinada hora?
8. O aluno está recebendo a ajuda que precisa para completar a tarefa com sucesso?
9. As dicas escolhidas são específicas ao estilo e nível de aprendizado do aluno?

Para ensinar eficazmente alunos autistas, o professor deve proporcionar uma organização do método de trabalho, incluindo a sala-de-aula, de maneira que os alunos entendam onde ficar, o que fazer e como fazê-lo, de forma mais independente possível.

5 CONCLUSÃO

Vivemos em um momento de inclusão na escola, recebendo alunos com diversas necessidades educacionais especiais. Para dar conta desta demanda, o professor precisa buscar capacitação e formação continuada. Os alunos autistas são extremamente inteligentes e perspicazes, no entanto, representam desafios para desenvolver suas potencialidades.

Para o trabalho em sala de aula com alunos autistas, em qualquer fase das modalidades de ensino da Educação básica, se faz necessário conhecer seu universo, seu perfil e suas características, para que o processo de aprendizagem se concretize, mesmo que ocorra de forma lenta e gradativa, como é comum das pessoas autistas.

Essas crianças têm as características que devem ser atentas aos olhares dos professores para que esta tenha atendimento necessário em sua vida educacional. Dessa maneira, o profissional deverá trabalhar conforme a limitação de cada criança, observando qual área do seu desenvolvimento que esta apresenta dificuldade, se é na parte motora, cognitiva ou de comunicação. Por isso, essa pesquisa torna-se importante, pois apresentará ao profissional da educação metodologias e métodos para que a escola possa se adaptar ao aluno (a) autista, buscando que a criança tenha um bom desenvolvimento educacional.

Ademais, a educação de uma criança autista representa, sem dúvida, um desafio para os profissionais da educação juntamente com a família, pois se trata de um processo de suma importância para o desenvolvimento do aluno, na qual o professor deverá conhecê-lo para conseguir um bom desempenho, especificamente por cada criança autista apresentar comportamentos diferentes uma da outra.

O ambiente escolar será de suma importância no desenvolvimento social, contribuindo no desenvolvimento da comunicação, possibilitando o seu letramento e um olhar voltado para metodologias para desenvolver essas habilidades é extremamente importante.

Os objetivos da presente pesquisa foram alcançados na medida em que por meio desta, pôde-se perceber a importância de conhecer um pouco mais sobre o autismo, mostrando os principais pontos sobre o assunto, além de cumprir fielmente à necessidade de propor alternativas de ensino de Língua Portuguesa para alunos autistas no 6º Ano do ensino fundamental.

Com essa pesquisa, observou-se que o autismo é um assunto que está cada vez mais em evidência, pois atualmente as pessoas estão mais conscientes de que existem pessoas diferentes e que precisam de cuidados e atenção especial. O lugar do preconceito está sendo o lugar do acolhimento, do entendimento e da empatia. E, para que a estas crianças sejam realmente dadas oportunidades de crescimento intelectual, o Ensino da Língua Portuguesa é muito necessário.

Dessa forma, por meio de pesquisas, estudos e leituras realizadas para a elaboração deste trabalho, foi possível acesso a autores renomados que relatavam sobre o autismo, desde a história de como foi descoberto, as formas de identificar uma pessoa autista, características que os indivíduos apresentam, para que essas informações fossem ao encontro das sugestões metodológicas de ensino da Língua Portuguesa para esse público tão especial.

Assim, conhecer um pouco sobre o universo do aluno autista, perceber suas características e o perfil destes, permite que o professor consiga identifica-los, para que na sala de aula, possa ser trabalhado com essas crianças de forma igualitária, por meio de metodologias sugeridas aqui nesse estudo.

Logo, é essencial que haja esse conhecimento por parte do professor, para que não ocorra nenhum transtorno que possa afetar tanto ele quanto os alunos que possuem o TEA, e que o aprendizado aconteça de forma positiva, mesmo que ocorra de forma lenta e gradativa, como é comum das pessoas autistas, mas que como foi fundamentado nessa pesquisa é extremamente inteligentes e perspicazes, e trabalhar com gêneros textuais é muito importante para que leitura e escrita sejam mais bem desenvolvida.

Portanto, esse TCC é um grande aliado de professores de Língua Portuguesa que precisam lidar com aluno autista, na medida em que este é um instrumento de uso na sala de aula para que o objetivo de desenvolver leitura e escrita seja alcançado de maneira eficaz.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. M. R. **As contribuições dos recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem do autista**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 08, Vol. 07, pp. 16-34. Agosto de 2019. ISSN: 2448-0959.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. Ed. Parábola, 2003.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Ministério da Educação e Cultura. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed. 2015. 140 p.
- CUNHA, E. **Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar – ideias e práticas pedagógicas**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.
- DARTON, Robert. **Uma história da leitura**. In: BURKE, Peter. A escrita da história: Novas Perspectivas. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- FOUCAMBERT, J. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.
- KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- FELICIO, V. C. **O autismo e o professor: um saber que pode ajudar**. Bauru, 2007.
- FERREIRA, J. C. P. **Estudo exploratório da qualidade de vida de cuidadores de pessoas com perturbação do espectro do autismo**. Porto, 2009. Dissertação (Monografia em Educação Física); Faculdade de Desporto; Universidade do Porto.
- MENDONÇA, Ana Abadia dos Santos. **Escola inclusiva: barreiras e desafios**. In: VII Encontro de pesquisa em ação. Uberaba, v. 1, n.1, p. 4-16, 2013.
- MELLO, A. M. S. R. **Autismo: guia prático** / Ana Maria S. Ros de Mello; colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk. 6.ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2007.
- MELO, Carla Caroline. **Estratégias pedagógicas direcionadas ao aluno com autismo no ensino fundamental**. Natal/ RN, 2016.
- MONTE, F. R. F. do; SANTOS, I. B. dos. (org.). **Saberes e práticas da inclusão Dificuldades acentuadas de inclusão: Autismo**. Brasília, MEC, SEESP, 2004. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/educacao%20infantil%203.pdf>>. Acesso em: mai. 2020.

MULICK, James. A. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas**. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/269900984_Diagnosticando_o_transtorno_autista_aspectos_fundamentais_e_consideracoes_praticas. >. Acesso em: mai. 2020.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Os Professores e Sua Formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

ORRÚ, E. S. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

ORRÚ, S. E. **A Formação de Professores e a Educação de Autistas**. Revista Iberoamericana de Educación (Online), Espanha, v. 31, p. 01-15, 2003.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky, aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

PASSERINO, Liliana Maria. **Comunicação alternativa, autismo e tecnologia: estudos de caso a partir do Scala**. 2012. In: A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA ESCOLA COMUM: Desafios e Possibilidades. BENINI, W.; CASTANHA, A. P. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_ped_unioeste_wivianebenini.pdf. Acesso em fev. 2020.

PRESTES, Maria Luci de Mesquita. **A pesquisa e a construção do conhecimento científico: do planejamento aos textos, da escola à academia**. 2. ed. São Paulo: Rêspel, 2003.

ROTTA, N.T. **Transtorno de aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto alegre: Artmed, 2007.

SANTOS, A. M. T. dos. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar**. Centro de Referência em Distúrbios de Aprendizagem (CRDA), São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.crda.com.br/tccdoc/22.pdf> >. Acesso em: 09 Jan. 2020, 13h30min.

SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- . **Metodologia do trabalho científico**.1. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Micheline. MULICK, James A. **Diagnosticando o Transtorno Autista: Aspectos Fundamentais e Considerações Práticas**. Psicologia ciência e profissão, 2009, 29 (1), 116 – 131. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n1/v29n1a10.pdf>>. Acesso em: 16 de nov. 2020, 23h57min.

ZILBERMAN, Regina. **Sociedade e Democracia da Leitura**. Estado de Leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.